

*Estou num tempo impensável, cheguei a casa e a casa estava vazia, isto é, os sinais de quem a habitara, permaneciam — os óculos na mesa-de-cabeceira, o livro com a marca de leitura, a mala feita para as férias, o estojo com o pó-de-arroz e o baton — mas estava morta a pessoa desses sinais, ando por esta paragem súbita como um estranho, abro a porta do quarto e chamo: mãe: o som do nome come os resíduos da tua presença, a sombra pesa sobre a palavra, mas não a interrompe, prolonga-a até a tornar insuportável.
Choro a voz desmesurada.
Pela janela, o jardim espreita-me.*

Deitada na cama, Emília vê o tecto, em esconso, baixar para o seu corpo, a corticite pintada de branco, pontilhada de poros onde a tinta não entrara. O tecto é uma doença: sinais, verrugas, cicatrizes. Ouve, sob as telhas, o chiar dos pardais, o restolhar das suas asas, e pensa: esta merda não isola, gastei um dinheirão nesta merda e ela não isola. Sente-se cansada. Sente-se sempre cansada. Hoje, mais do que é costume. Sonhou com a morte de Manuel e não viu nada nesse sonho. Ouviu o sonho: um som: o da navalha de barbear a cair no peito de Manuel já morto.

volta-se, devagar, para a janela, os cotovelos fincados na mesa, a pele esmagada contra o relevo de caras, aves, peixes, flores, que Emília todos os dias talha com um canivete. Dói-lhe a cabeça. A casa parece escutá-la: a voz da mãe, na cozinha, é um som longínquo tão perto: a intimidade também pode nascer da nitidez atenuada pela distância. Frente à janela, como a um olho cego, espera que o corpo se resolva a realizar o que já decidiu, mas o corpo está separado da sua decisão e ela continua imóvel a observar a luz que a cega. Os nomes não se resolvem nas formas do mundo. Não rasgo a luz: murmura. A luz opaca. Talvez consiga levantar-se, quando a voz da mãe se aproximar. Saberá que se aproxima, não porque ouça melhor o que diz, mas porque o som se torna maior: uma parede de som que a sufoca. Hei-de poder falar. A luz não decresce, a cegueira está na sua máxima intensidade. Não vêm sons de fora, são três horas. O tempo é uma gota de água prestes a desprender-se. Vê-a, não o sítio que a segura, uma gota a desprender-se da opacidade luminosa do mundo. Mãe: pensa dizer, porém não articula a palavra, entreabre a goma dos lábios, ouve-a quebrar e recolher-se na pele dos lábios, a boca torna-se fria, o frio traça nela a sua forma, de frio? de boca?

— Francelina.
chamam-na.

— Francelina, onde estás?

os pés, no interior das botinas, são todo o peso. Levanta-se, com esforço. O corpo oscila, preso ao sobrado. Olha o sobrado e vê-se reflectida na cera que o cobre, borrão vertical e inseguro?

— sou uma mancha

nunca lhe aconteceu nada de grande, viveu o que toda a gente viveu. Se lhe perguntassem da paixão, responderia espantada que o amor desvia os olhos dos nomes,

volta-se para a janela:

— toda a vida o mesmo céu, este, contra o qual envelheço.

às vezes, acordo e ouço-te mexer na cama: a casa reconstitui o hábito dos sons. Levanto-me e ando pelo corredor: os meus passos devoram o caminho: nunca poderei regressar.

— que voz é esta noite um enigma?
— mas não é noite.
— é a minha voz reduzida ao teu nome, é o teu nome, escuro, a ampliar-se

a noite é um nome, um múltiplo eco negro.
Manuel.

não amo, não odeio, o que me acontece é chamarem-me do andar de baixo: eis a proximidade: um nome que atravessa a pobreza dos estuques finos, das paredes de tabique, dos tectos de pinho abaulado, um nome abaulado pelo pinho, disperso pela areia da argamassa, um nome que pára, esmaecido, perto de mim, para eu o ouvir.

olha os cocurutos das árvores, as folhas trémulas das faias, as casas de um cor-de-rosa friável, incompleto, que se esboroa e cai sobre o trevo, no passeio. As casas desfazem-se, e o seu desfazer-se turva o ar de poeira. Vê a distância que a separa do que vê na distância: as janelas entreabertas para que se in-